

UM FUNDAMENTO EXISTENCIAL PARA A SEXUALIDADE: A SITUAÇÃO

An Existential Foundation For Sexuality: the situation

Tiago Rodrigues Moreira¹

RESUMO

Essa escrita emerge da nervura do pensar a sexualidade pelo horizonte da fenomenologia existencial. Todo esforço aqui proposto pela escrita, encaminha também para um pensar político e engajado no movimento lavrativo da existência. Trazendo a reboque a situacionalidade e a liberdade do ser-em-situação. Desse modo, objetivo com esse texto colocar em evidência a possibilidade de repensar a sexualidade pelo caminho da situação. A sexualidade como abertura, como possível desfraldamento das raízes que nos colocam em posição de atolamento, e embriagamento do eu. Assim sendo, digo que sendo um projeto inacabado, pensar a sexualidade-em-situação seria uma das possibilidades de não trazer as definições como algo determinante, e sim constituinte de uma existencialidade que emerge justamente das situações em que cada um se situa.

Palavras-chave: Situacionalidade. Escrita. Política. Engajamento. Liberdade.

ABSTRACT

This writing emerges from the vein of thinking sexuality through the horizon of existential phenomenology. Every effort proposed by this writing also leads to a political thinking and is engaged in the opening movement of existence, touching the situationality and freedom of being-in-a-situation. Thus, the aim of this text is to highlight the possibility of rethinking sexuality through the situation. Sexuality as an opening, as a possible unfurling of the roots that put us in a bogged down position, and intoxication of the self. Therefore, I say that being an unfinished project, thinking about sexuality-in-situation would be one of the possibilities of not bringing definitions as something decisive, but as a constituent of an existentiality that emerges precisely from the situations in which each one is situated.

Key-words: Situationality. Writing. Policy. Engagement. Freedom.

¹ Doutorando em Geografia pelo Instituto de Geociências da Universidade Estadual de Campinas. t229845@dac.unicamp.br.

✉ Laboratório de Geografia dos Riscos e Resiliência, Universidade Estadual de Campinas. Rua Pedro Zaccaria, 1.300, Limeira, SP. 13484-350.

SITUANDO FENOMENOLOGIA E SEXUALIDADE

O impulso inicial da escrita deste texto, emerge da nervura do pensar a sexualidade pelo horizonte da fenomenologia existencial. Tal nervura foi inicialmente pensada a partir de minha dissertação de mestrado¹, defendida em agosto de 2021. Por isso, esse texto, também, é resultado de minha caminhada no mestrado. Um dos motes centrais desse estudo pauta-se no desejo de anular a distância entre a fenomenologia existencial e os estudos de gênero e sexualidade no Brasil. Enveredei por esse caminho ciente dos limites da escrita e dos imbróglios epistemológicos, mas acreditando que a fenomenologia existencial possa garantir reflexões desde a sexualidade a partir da situacionalidade do ser-em-situação, assim reverberando suas existências e seus modos de ser-estar-no-mundo

Jean-Paul Sartre, (2019) em “Que é a Literatura”, esboça o desejo de dignidade com as palavras e o sentido político da escrita. Ou seja, a escrita é um dos fundamentos cruciais para o humano, pois ela emerge da situação e se estabelece enquanto linguagem para a comunicação. Claro que Sartre, nesse momento, aludia ao incomodo que sentia com a literatura da sua situação no mundo (meados do ano de 1947). Queria relatar que a literatura é o modo político de se situar e abrir o horizonte da escrita no seio da sociedade.

Filiado a esse pensamento político-existencial é que queremos arrolar nesse texto que situar a escrita é uma tomada de decisão a partir das palavras e sentidos vividos e lugarizados situacionalmente, é uma escrita úmida e, simultaneamente, seca. Paradoxalmente, assim

¹ “Lavrando a existência gay: ontofenomenologia da sexualidade-em-situação”. Defendida pelo programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. FCA-Unicamp, 2021. Sob orientação do Professor Dr. Eduardo Marandola Jr. e coorientação do Professor Dr. Antonio Bernardes.

como a existência se promove. Ao redigir sobre sexualidade, temos como possibilidades de leitura um vasto mundo de bibliografias e de escritos. Não almejo fazer aqui um compilado de autoras e autores, haja vista que isso é trabalho para outro momento. No entanto, quero ressaltar duas escritoras das quais foram fundamentais para a abertura do fenômeno gênero e sexualidade.

Simone de Beauvoir (2019a; 2019b) e Judith Butler (2017; 2018; 2019a; 2019b), são escritoras marcadamente importantes na esteira do pensamento feminista. Tanto Beauvoir quanto Butler carregam em sua escrita o sentido político da sua situação. Ou seja, as duas escritoras se colocam a partir das suas situações de existência. A situação nos é marcadamente importante, pois, é com elas que as geografias são vividas.

É pela situação que nos engajamos, pois a situação se manifesta como um fenômeno ambíguo, que se deriva da contingência da liberdade e da facticidade, desse modo, podemos aludir que toda liberdade está em situação, e não há situação sem liberdade, a situação se estabelece sobre um fundo de facticidade (Sartre, 2007; Bornheim, 1971).

Desta maneira, saliento a importância da ambiguidade da situação, ou seja, o ser-com é livre em situação, a partir do seu projeto de existência. A autonomia da escolha é uma das premissas fundamentais do legado sartreano no contexto da liberdade. Pois é lançado às situações que cada ser-com se projeta em um emaranhado de escolhas. Ao deslizar para o fenômeno da sexualidade, a autonomia da escolha permanece em querer, ou não, se aceitar ou se assumir perante a sociedade; no entanto, isso não predomina seu âmago, pois, a liberdade de ser garante a emancipação da escolha ou não.

Daí advém o sentido político deste texto, uma possibilidade de cuidado com as escolhas, um sentido de engajamento ao mundo

que se situa; pois, “pensar a política é considerar, em última análise, o espaço para uma abertura, abertura esta para uma compreensão de si enquanto coletividade, para a procura de um futuro digno de realização” (Norberto, 2019, p. 13).

SITUAÇÃO E LUGARIDADE

O que me motiva é o movimento do ser-em-situação enquanto condição fundante da realização de si, considerando a sua própria cumplicidade situada em atitude viscosa, ou seja, em momento de comprometimento com o mundo. Por atitude viscosa entendo que seja o próprio movimento de engajamento com o mundo. Para isso, a viscosidade abre para as possibilidades de se sujar e grudar a partir das fenomenalidades vividas. Como fundamento desse texto, destaco a importância do situar-se em, sempre em situação que nos encaminha para campos de possibilidades de enviscar, e de, assim, estar sempre se atendo à situação política. Ou seja, este texto exprime e funda uma relação intrínseca entre pesquisador/pesquisa/pesquisado.

Tomo como metáfora a expressão de lavra, a lavra como lida na roça. Desse modo, parto do movimento lavrativo da existência, repouso então minhas investigações na labuta da existência, no contorno do dia-a-dia, no mexer do arado que sulca e revira a terra que somos em condição, ou seja, no **em** da existência do ser-em-situação. Desta feita, posso dizer que esse trabalho se assenta nos modos de existências, na pluralidade das situacionalidades vividas em situação, em movimento de abertura para vários caminhos possíveis a partir do em do ser-em-situação.

Fazendo referência a Dardel (2011), cujo movimento de habitar a Terra é ser Terra em condição, é experienciar a Terra em ato, a

geograficidade se envisca na situacionalidade. Ou seja, se enviscar em mundo é estar em movimento lavrativo, em atitude de gerúndio, pois, “habitar a Terra, percorrê-la, plantar ou construir é tratá-la como um poder que deve ser honrado: cada um de seus atos é uma celebração” (Dardel, 2011, p. 54).

Aposto no movimento lavrativo da existência, pois ele me possibilita a abertura para tingir o texto com as nossas cores, com as nossas intimidades, com nossos calafrios, com nossas perdas, com nossos choros, com nossos risos. Por isso, o giro que demando a partir desse texto, é o de trazer à superfície possibilidades de descrições dessas situacionalidades, e as possibilidades de estranhamento das mesmas como possibilidade de método. Um método, um caminho, um campo possível, chamemos como quisermos. No entanto, rasuro aqui a leitura de um método único que sufoca o fenômeno, que o estrangule em prol da implicância metodológica.

Quero, aqui, aguçar as possibilidades de expansão do próprio movimento lavrativo para que as fenomenalidades não sejam entendidas como algo que preenche uma lacuna para o trabalho; a situação não preenche um texto, ela talha, ela se encruzilha, a situação, nesse caso, direciona o pesquisador para os possíveis caminhos que se abrem como possibilidades do ser-em-situação que habita a Terra.

O estranhamento se faz presente nesse momento, estranhar os métodos e as certezas disciplinares se assenta como prioridade; estranhar as verdades petrificadas, os caminhos absolutos, a pureza acadêmica. Por vezes, performamos a subjetividade (*à la* Butler), fazemos dela um copiar e colar, compondo uma frenagem nas suas possibilidades. As citacionalidades performáticas da subjetividade se naturalizam e ao naturalizarem-se se petrificam. Sendo assim, elas perdem o movimento do enviscar em situação.

Demasiadamente, a certeza de um conhecimento não abre espaço para as situacionalidades, nem, muito menos, para o estranhamento. Descrever é, portanto, colocar a subjetividade em ato-ação, numa dobra entre a intersubjetividade e a subjetividade; é se deixar ser invadido pelas suas experiências situadas. Nesse compasso da ciência neutra, assertiva e decisiva há uma impossibilidade de trazer a alteridade em atitude de campo possível.

Estamos a todo o momento tentando captar o Outro para o campo do Mesmo (Lima, 2019), fazendo com que nossas situações se encaixem naquele modelo proposto pelo Outro e, por vezes, nos esquecemos de que, nesse caminho, a dita alteridade se torna ingênua e se encaminha para um atrofiamento, pois se não deixo o Outro me invadir como teremos uma relação de alteridade? Alteridade, nesse caso, se manifesta enquanto abertura e não captura. Se não paramos para escutar o Outro, como podemos estar em atitude de alteridade? Se a incerteza está cada vez mais distante do nosso fazer, como aludir à lentidão, à pausa, ao repouso e à escuta?

Nesse momento, me dedico a talhar as possibilidades que temos de método, colocá-lo na possibilidade do movimento lavrativo da existência. É dela que brota, é da situação vivida que emerge a calma, a pausa, a rapidez, a escuta. Não por algo performático em tramas de sujeição de pesquisa, e, sim, como fundamento ontológico do ser-em-situação.

Sendo assim, albergando como fundamento do fazer-fenomenologia a relação intrínseca entre pesquisador/pesquisa/pesquisado, lanço mão de algumas possibilidades, para que possamos borrar os métodos pré-determinados dos cânones disciplinares enquanto imperativo normativo, que vão desde o

estranhamento e a descrição em atitude de dobra, em movimento ambíguo que se dá na relação.

DESCREVENDO A SEXUALIDADE-EM-SITUAÇÃO

Descrever uma situação é antes de tudo, ser-situação... Ser-e-estar-em... Ser-com.

O zelo pelo revolver da terra se faz presente agora em um movimento de lavrar a minha própria existência. Escavar, arranhar, esfoliar, mostrar a carne viva que sou, num desnude de mim mesmo. Assim como a terra se expõe às mudanças, eu, sendo-terra-em-situação, me projeto ser abertamente para as mudanças que vierem por me acompanhar. A terra que digo que sou é a terra carnal e visceral que entra pelas unhas, que mancha a roupa, que vira barro, vira artesanaria, é terra em condição. É das entranhas da terra que desenvolvo essa escrita, terra não apenas roça, terra enquanto abertura para o sentir. Movimento de fissuras, de drenagens, de escorregadias, assim, a terra em suas infinitas manifestações.

Sendo lançado ao mundo, embrenhado pelas adversidades e diversidades mundanas, minha existência se abre para as fissuras de uma terra árida, seca, porém com possibilidades de percolamentos e infiltrações que, em um processo lento e calmo, agem aumentando e diminuindo a minha vazão.

Chamo a atenção para a "situação". É dela que vamos delinear nosso fazer existencial. Sartre (1968) nos adverte que somos, antes de tudo, seres-em-situação, significando que a nossa relação com o mundo constitui um todo sintético com a nossa situação biológica, econômica, política e cultural. Há, para o filósofo, uma impossibilidade de nos apartarmos desta situação, pois é ela quem delinea e nos dá sentido de existencialidade. Por isso, estar em

situação é escolher-se em situação frente as possibilidades que a existência nos coloca.

Dessa maneira, ser-em-situação se constitui na relação intrínseca com o mundo, como possibilidade de abertura, como caminho de escolher-se. Escolhendo em situação, encaro o mundo face a face, me relacionando e interagindo subjetiva e intersubjetivamente. Por assim dizer, não escolho o mundo, mas me escolho no mundo (Silva, 2019), é no mundo que minha liberdade está em jogo, é no mundo que sempre me coloco em questão (Sartre, 2007).

Somos então, para Sartre (2007), historicamente situados e as escolhas se dão nesse processo de historialização, “sempre na história, nunca apesar dela” (Silva, 2019, p. 50). Quero dizer que, no compasso da minha projeção enquanto um ser-em-situação passei por inúmeros processos históricos de revolver-me, rasgar-me, emendar-me, fissurar-me no que tange a sexualidade. Enxergava a sexualidade como algo já definido e imutável. No entanto, algo começou a chamar a minha atenção desde criança: a diferença de compreensão de situações minhas com as de meu irmão.

Investigar a sexualidade-em-situação é deixá-la justamente se apresentar como fenômeno que se mistura e se encarna, não como uma definição, tampouco como uma armadura de defesa.

Por inúmeras vezes estive frente a frente com a possibilidade de esgarçar a minha sexualidade e dar vazão àquilo que, de uma maneira ou outra, estava em mim. No entanto, fiz o oposto, oculteí-a. O eclipsamento da minha própria sexualidade-em-situação veio acompanhado por várias questões.

Sou um homem vivendo em roça – vivo em gerúndio, é a roça como manifestação da existencialidade, logo, vivo a roça em mim, a roça não está lá e eu aqui, sou sendo roça em-situação na cidade, roça é situacionalidade, relação visceral, existo na cidade, contudo, sou roça

– aprendi desde cedo qual seria o “papel” de um homem em casa. O machismo internalizado que desliza e ladeia o cotidiano fazia parte da minha existência. Os procedimentos e acontecimentos tendo como início a variável da sexualidade.

Adrienne Rich (2012), poeta, ensaísta e professora estadunidense, cunha um termo que fica notadamente famoso entre pesquisadoras feministas, a saber, “heterossexualidade compulsória”, pois, para a autora, a heterossexualidade atua como uma instituição política (Rich, 2010). Ou seja, involuntariamente, alguns comportamentos são passados e reproduzidos naturalmente como um estilo de existência. É importante frisar que Rich (2010) está preocupada com a presença lésbica no seio da heterossexualidade compulsória.

Nesse estilo de existência heterossexual vivido carnalmente por mim na roça, fui aos poucos ocultando as possibilidades de me revolver, estava por hora me entregando e escolhendo seguir um estilo de existência patrocinado pelos modelos que me cerceavam.

Cresci sendo um menino-homem-hétero e me era possibilitado escolher. Ou seja, como Foucault (2019) observou, os sistemas de poder produzem os sujeitos a valer naquela estrutura. Ou aquilo que Butler (2019) descreve como citacionalidade, num “sentido especificamente derridiano para descrever as formas pelas quais normas ontológicas são empregadas no discurso, algumas vezes de modo forçado, outras não” (Salih, 2018, p. 127).

Butler (2019) adverte em “*Problemas de gênero*” que o gênero não pode vir a ser simplesmente construído, mas, sim, performático. Sendo performático, ele se desdobra a partir das cotidianidades que vão sendo construídas, coagulando assim um emaranhado de copiar e colar, desembocando no que ela chama de processo de citacionalidade: uma citação do gênero a partir das relações de poder que são vividas no seio da biopolítica.

Por assim dizer, Butler (2019) assinala que esses acontecimentos podem vir a ser forçados por uma norma regente e, por isso, soam como uma impossibilidade de escolha. Porém, mesmo estando sob essa condição existencial ou representação social de uma heterossexualidade passada por gerações, algo não encaixava e estava sempre atento para as escolhas, embora, algumas vezes não me dava conta do que estava acontecendo ou simplesmente não entendia o processo.

Momentos vividos pelo fenômeno da cisheteronormatividade foram, de certa forma, incisivos na constituição de quem me apresento ser-em-situação hoje. Amadureci e compreendi que o movimento vivido fora crucial para tensionar a sexualidade em movimento. Colocá-la em situação significa expor a carnalidade da sexualidade, explorar seus íntimos e obscuros segredos e mistérios. Trevisan (2018, p. 35) relata que, no contexto dos anos noventa, “assumir-se homossexual poderia acabar criando uma nova forma de categorizar o desejo, justamente por outorga-lhe uma naturalidade absoluta”. Essa é uma questão que evoca meus pensamentos inquietos que se deitam na sexualidade, os quais vamos esmiuçar.

Estar ao lado das plantas e dos animais na roça – enredado pela cisheteronormatividade – dificultou minha vontade de me aceitar enquanto uma criança gay. No seio de uma família que vive na roça nos anos noventa, ter um filho afeminado e gay era o imperativo de rechaço e preconceito. Hoje, estamos cada dia mais ponderados a ouvir e sentir o que o Outro tem a dizer. O próprio processo de assunção perante a família chega a ser, às vezes, mais doloroso que a própria aceitação de si.

Ao assumir minha homossexualidade, reafirmo uma posição de convocação de um evento de estranheza, algo que foge das balizas permitidas do campo binário de sexo. Na minha fala, convoco um

evento de solicitação de aceite em ser homossexual, criando uma nova forma de desejo, outorgada pela vontade permissiva da sociedade. Sendo que quando se é heterossexual, esse aceite passa despercebido, pois está infiltrado no campo das normalidades providas pelo poder estabelecido pelo imperativo heterossexual.

Isso implica, justamente, a possibilidade de lavrar a sexualidade – em-situação mais afastada desse sentido de outorga, e mais próxima do vivido.

A lida na roça sempre foi conduzida por minha mãe, que se benze diariamente no tatear a terra. Íamos cedo antes do nascer do sol para fazer a limpa, a capina, tirar o mato que não era necessário, para que os grãos captassem todos os nutrientes daquela terra preta. Com o sol no meio do céu, fazíamos outra coisa e o mato cortado morria estirado na terra, servindo de adubo para aqueles grãos.

Coloco a existência em estado de verbalidade com a lavra, saber os momentos certos de fazer a limpa, a poda, o chegar à terra, aceitar a morte como processo de vida. Nada é tão distante do cotidiano, só vem a ser, porque não nos voltamos intencionalmente para ele. Nesses momentos em que a existência se move em direção ambígua da lavra, nos colocamos em situação de escuta e espera do que pode vir a acontecer. Ouvindo e esperando para agir e dar o próximo passo.

Sendo assim, ao lavrar minha existência para colocar em superfície a sexualidade, quero começar por um marco: a boneca que emerge da terra. A terra faz (fez) brotar uns comportamentos desviantes desde muito cedo. O fato é que não podia brincar de bonecas, mas às vezes pegava escondidas algumas, poucas, das que minhas irmãs tinham para poder brincar. Adorava fazer penteados, mexer com os cabelos e como não podia ser visto com nenhuma boneca na mão, tive que usar outras maneiras de brincar. Era da terra que vinha uma das

possibilidades de exercitar a minha liberdade de um menino–homem–hétero–gay indeciso e confuso.

Em roça, plantamos milho, seja para dar aos animais ou para comermos. Quando a plantação está na fase de soltar as espigas, emergem as bonecas, justamente onde as espigas vão se formando. Antes das espigas formarem os milhos, elas liberam os fios, que são responsáveis por levar oxigênio para o interior da espiga e fazer com que ela dê bons grãos.

Esses fios me fascinavam, pois floresciam em várias cores, formatos e tamanhos – rosa, roxo, pretos, amarelos – e por horas eu ficava sozinho a brincar na roça com as bonecas de milho, sem meus pais saberem, pois isso não era coisa que menino–homem–hétero faria. A melhor parte era quando as espigas começavam a secar os fios, pois os pegava e fazia muitos penteados e cortes, em um processo que durava até plantação acabar.

Tais exercícios foram gradualmente ficando sem sentido e então já não me sentia como menino–homem–hétero, não sabia o que era. As brincadeiras cada vez mais diminuía, eu sentia o peso de uma definição a caminho. Ela estava já na estrada, espreitando-me, esperando o momento certo de me abocanhar. Vi-me destinado a aceitar e recorrer ao meu destino.

Estava jogado – literalmente solto sobre a terra – esticado sobre campos de áreas nuas amareladas que ao bater dos ventos me cobria. Era um misto de uma existência indefinida, um fantasma que não correspondia às expectativas do pai. Até então, o estranho, que nunca teve namorada, não gostava de festas e era excluído pelo irmão. Tudo isso soa como sintomático de uma rede de articulação preocupada em perpetuar uma cultura solidificada e cristalizada.

A voz desse menino–homem–hétero–confuso tinha como seu principal desafio compor sua masculinidade. Sabemos que a

composição de uma masculinidade na nossa sociedade – em sua maioria binária – se torna marcante no dia–a–dia. Os famosos trejeitos de crianças, a leveza e a inocência são arrancados à força, por um estereótipo de masculinidade para se adequar o estilo de existência heterossexual.

Guacira Lopes Louro (2018) argumenta que nosso corpo carrega marcas e faz uma questão crucial para pensarmos sobre essas marcalidades corpóreas que nos são introduzidas. “Onde elas se inscrevem? Na pele, nos pêlos, nas formas, nos traços, nos gestos?” (Louro, 2018, p. 69). A marcalidade de um corpo se insere justamente dessas relações em que são passadas cotidianamente, ou seja, minha voz tinha como papel fundamental demarcar a minha masculinidade.

Linda Nicholson salienta que essas marcas são fundamentais para compor a distinção entre a masculinidade e feminilidade do ser e, que de certa maneira, as características “passaram a ser a sua causa, aquilo que dá origem” (Nicholson, 2000, p. 18). Por isso, o corpo em relação, ou seja, a corporeidade, se inscreve nas relações de poder, tornando “causa e justificativa das diferenças” (Louro, 2018, p. 71).

No entanto, não quero aqui ler a corporeidade como causa, apontada por Louro (2018), e sim, como “fenômeno que indica minhas possibilidades no mundo” (Sartre, 2007, p. 387). E que enredadas pelas tramas a existência em jogo, essa relação se manifesta diante desse espraçamento das relações de poder (Foucault, 1979)².

² Sabendo da distância epistemológica que existe entre o posicionamento de Michel Foucault e Jean-Paul Sartre, os coloco em proximidade nesse parágrafo justamente para tencionar as duas epistemologias no intuito de um possível embate. Não está em minhas preocupações fazer com que Foucault e Sartre sejam lidos da mesma maneira, já cada um se manifesta em sua particularidade e, sendo assim, cada um possui um peso e uma medida. Do mesmo modo,

Minha voz fina, adocicada e levemente delicada foi o suficiente para me fazer falar menos, expor-me menos, e a simples frase “engrossa essa voz” era mais doída que um “cala a boca”. Talvez, se eu ouvisse um “calar a boca” eu não teria me calado, mas foi o inverso, me calei, não por falar demais e sim por simplesmente falar em uma tonalidade que não condizia com como o menino–homem–hétero deveria falar. Calar e sujeitar-me foi a minha escolha. Escolhi ser conivente com o que condizia o estilo de vida heterossexual de compor minha masculinidade, pois até então acreditava que era o melhor a se fazer.

Isso me deixou vulnerável na adolescência. O menino–adolescente–hétero não sabia como se portar frente às garotas, tinha poucos colegas e o irmão mais velho não o notava. Desde os anos iniciais da escola – numa escola da roça da comunidade em que morava – a padronização e os estilos de citacionalidade já estavam sendo vividos carnalmente por mim, em uma biopolítica encarnada que agia sutilmente e quase invisível aos olhos estranhos.

Todo esse arranjo lugarizado contribui para compor minha sexualidade. Por meio de frustrações, alegrias, percalços, e o que mais me chamava atenção era a possibilidade de ser livre, mesmo com todos os problemas e as contingências que isso demandava.

LIBERDADE E FACTICIDADE

Uma das perguntas mais ambiciosas e cobiçadas que me permito fazer durante minha existência repousa na inquietude pelo sentido da liberdade: Que pode a liberdade? Ousada e claramente irrespondível,

quando problematizo Butler e Beauvoir, ambas configuram cenários distintos de aspersão do conhecimento, o que está em jogo é como essa relação pode ser arrolada pelo fio da existência.

pois, na tentativa de desfolhar respostas ou subsídios para me satisfazer, acabo por esbarrar em outras perguntas que mobilizam o meu projeto de ser–em–situação. Sendo assim, ela pode na medida em que nós nos voltamos a ser liberdade. Sendo liberdade, os contornos da existência passam a ser mais viscerais.

As questões, respectivamente, fundamentam a busca e balizam nossas investigações, sem nos ater a meras respostas que obliquam nosso fazer. As indagações, nesse sentido, compõem o campo da abertura e das possibilidades para a investigação. Assim, nossa cobiça se atrela fundamentalmente nas indagações e nos problemas da sexualidade–em–situação. Dessa forma, mais precisamente, nos interessa descortinar como as situacionalidades da liberdade e da normatividade se manifestam e são circunscritas em um sentido biopolítico encarnado existencial.

As relações de lugaridades vividas pelos citadinos e por mim – habitante da cidade – exprimiam o sentido de relacionalidade em circunscrever os sentidos da liberdade a partir dos lugares vivenciados. Ou seja, sendo liberdade, nos entrelaçamos pelos sensoriamientos íntimos nos lugares, que por consequência, são subjetivados pela existencialidade situada.

Como apontou Sartre (2007), somos liberdade em situação, e que “não há diferença entre ser homem e ser livre: a liberdade, o ato de se separar do mundo e de si mesmo é a condição da própria realidade humana” (Souza, 2019b, p. 44). Por isso, a liberdade em comunhão com a existência nos encaminha para deflagrações de seus sentidos múltiplos.

Separar-se do mundo apontado por Souza (2019b) não significa alienar ou se esconder. É ainda mais paradoxal. É ser consciente de sua existência e mergulhar na sua condição situada de ser–em–situação. Separar-se, paradoxalmente, é enviscar de sua própria

existencialidade situada. É dar conta da realidade concreta e sua liberdade, e que seus atos serão exercidos pela plena convicção de uma liberdade situada.

Examinar a liberdade num projeto ontofenomenológico é partir do princípio de que a ela não significa fazer o que quiser. Não possui essa finalidade, mesmo por que não se pode conceber a liberdade como uma característica constituinte do ser. Ela é, de antemão, uma condição inescapável.

Nas palavras de Sartre (2010, p. 33), “o homem está condenado a ser livre. Condenado por que não se criou a si próprio; e, no entanto, livre porque, uma vez lançado ao mundo, é responsável por tudo quanto fizer”. Por isso, nós, em nossa condição de existentes, somos liberdades em múltiplas ações, sendo livres inclusive para desejar ser um pássaro. No entanto, sabemos da incondicionalidade que se apresenta no campo dos possíveis. Queremos tanto tirar nossas correntes, que quando saímos delas, somos sufocados por outras. A existência em seu modo ambíguo de se projetar.

A liberdade sendo lida pelo prisma do Existencialismo sartreano não pode ser uma estrutura estabilizada com formas definidas e identificáveis, pois desse modo há uma impossibilidade de aplicabilidade. Trata-se, na verdade, de um movimento, de ações impetradas, de um projeto em curso movido pelo drama humano. Por isso, a liberdade não é um instrumento a ser controlado, pois a mesma é uma realização humana que deve ser sempre explicitada e disputada, nunca refreada (Norberto, 2019).

Sendo assim, “a liberdade nem é uma raridade a ser defendida, nem um instrumento a ser controlado; antes, é uma realização humana cuja falta de parâmetros a investe de uma eficácia política, que deve ser explicitada e disputada, nunca refreada” (Norberto, 2019, p. 17).

No entanto, sendo liberdade, não podemos cair em uma ontologia ingênua da mesma. Ser liberdade está distante de uma definição criadora de uma natureza humana. Paradoxalmente, sendo liberdade abro-me justamente para a indeterminação do projeto que somos. Por assim dizer, sendo liberdade não quer dizer que estamos estagnados a um projeto puro e definitivo, pelo contrário, “a liberdade é, em um só tempo, fundamento e exercício humano” (Norberto, 2019, p. 22).

No seio angustiante da inquietação com a liberdade esbarrei nos mistérios da sexualidade. Foi a partir dos mistérios envoltos da sexualidade que pude me relacionar com as normatividades e por ora estranhá-las, assim como estranhei a liberdade.

No entanto, sabemos que, de acordo com algumas convenções e pelos modelos de relações humanas, expor assim a carne viva de nossos desejos e nossa pura existência situada, nos coloca no campo da vergonha ou de medo de estranhar e de florescer. Cabe-nos perguntar, como podemos ter vergonha de nossa existência? De nossos corpos, de nossas paixões e amores mundanos, de nossas situacionalidades?

Estamos acostumados a reproduzir atos que, porventura, esquecemos de criar. Nos esquecemos da imaginação e do próprio direito de sonhar, em que possamos construir nossas existências sem vergonha de ser ou de aparecer perante os outros. Por isso, esquecemos de criar, de romper com esses modelos. O modo de viver está comprometido com uma ordem e ao aceitar essa ordem como vigência, Guattari e Rolnik (1993) sinalizam que não trocamos por medo de desorganizar a organização da ordem já existente para que vivamos de modo organizado.

O medo da desorganização nos encaminha para um conformismo das nossas ações e, por assim fazer, evitamos o

nosso estado de angústia. Para angústia, a entendemos como a possibilidade de “permitir a quebra da cumplicidade com a vida” (Norberto, 2017, p. 52). Esse conformismo nos coloca em alguns lugares de conforto referente ao nosso cotidiano, até mesmo para garantia da sobrevivência.

Sartre (2007) designará esse acontecimento como uma antípoda da angústia e o apresentará como um espírito de seriedade. Imersos nesse espírito de seriedade, respondendo às exigências do nosso curso em realização, captamos os valores a partir do mundo e residimos na substancialização tranquilizadora e coisista dos valores.

Sendo assim, na seriedade, “defino-me a partir do objeto, deixando de lado a *priori*, como impossíveis, todas as empresas que não vou realizar captando como proveniente do mundo e constitutivo de minhas obrigações e meu ser o sentido que minha liberdade deu ao mundo” (Sartre, 2007, p. 84). A angústia se manifesta como uma “captação reflexiva da liberdade por ela mesma” (Sartre, 2007, p. 84).

Quando estou andando pelas ruas escaldantes de Limeira, aleatoriamente, às vezes tento me colocar na atitude de estranhar o mundo pela angústia, pois “capto-me ao mesmo tempo totalmente livre e não podendo evitar que o sentido do mundo provenha de mim” (Sartre, 2007, p. 84). No entanto, tendo sempre a me corromper pelos mecanismos de organização colocados à minha frente. A sede pela organização e pelo não estranhamento nos coloca em atitude de incapacidade de descortinar as lentes do mundo.

Processo de estranhar o mundo como processo de reflexão do mesmo. Perguntamo-nos como podemos estranhar o mundo por um caminho que nos distancie do espírito de seriedade, nos colocando mais próximos do estado de angústia? Para

Norberto (2017), é justamente nessa passagem entre a realidade de sobrevivência para uma apreensão reflexiva da vida que a relevância existencial se garante em atitude.

Envergonhado pelas minhas atitudes corpóreas que fugiam das convencionais de um menino-hétero – como já sinalizamos anteriormente – me colocava frente um sentimento de “autocastigo que surge quando estamos convencidos de que existe algo em nós mesmos que é errado, inferior, falho, fraco ou sujo” (Morrison, 1998, p. 103). Assim, a vergonha vem a ser “fundamentalmente um sentimento de desprezo contra nós mesmos, uma visão negativa do nosso *self* filtrada através dos nossos próprios olhos” (Nunan; Jablonski; Féres-Carneiro, 2010, p. 257).

Por isso, o estranhamento da normatividade ou do ordenamento nos é relevante no que tange ao entendimento das subjetividades em situação, ou seja, estranhar, ao mesmo tempo, quer dizer fazer a dobra da subjetividade e fazer com que possamos sentir mais os mistérios do noturno como uma possibilidade de expansão e imaginação.

A vergonha de se expandir e estranhar por vezes encapsulam o ser-em-situação, fazendo com que ele se coloque em momento de recuo, apartado daquilo que gostaria que tivesse. Porém, a vergonha não é um fenômeno que advém do Outro, somente é a relação entre o conhecimento de mim mesmo com as variantes externas. Quantas vezes me senti envergonhado por meus jeitos, minha postura, minhas atitudes foram aos poucos sendo moldadas para que não me sentisse inferior.

Cada caso vivido por mim, denota um peso de escolha, escolher passar vergonha ou escolher envelopar meus sentimentos para ser aceito. Passando por todos os pré-julgamentos possíveis. No entanto, é por meio do conhecimento íntimo de si que conseguimos colocar

algumas barreiras nessas atitudes. O próprio exercício de se colocar em questão e o fortalecimento de sua decisão de escolha, rompe com a sujeição que era sofrida. Sendo assim, “a vergonha, portanto, realiza uma relação íntima de mim comigo mesmo; pela vergonha, descobri um aspecto de meu ser” (Sartre, 2007, p. 289).

Nietzsche (2001, p. 186) traça uma pergunta precisa em “A gaia ciência”, no que tange a liberdade, a saber: “Qual o emblema da liberdade alcançada? – não mais envergonhar-se de si mesmo”. Essa ideia de não se envergonhar de si é uma mistura da própria contemporaneidade que coloca num emaranhado de aviltamento do ser-em-situação, em que não ter vergonha de si é poder ser livre. É doído sentir na pele que estranhar as convenções e os modelos sejam processos tão complexos e difíceis.

Nesse compasso do estranhamento da vergonha ou do descobrimento de um aspecto de meu ser, como aponta Sartre (2007), a maneira como lidamos é se apegar à subjetividade, constituída por nossas relações desde os outros e o mundo. Sendo assim, quando percebo que a vergonha que tinha da minha voz fina se foi, vejo que ela estava me organizando ou desorganizando. Algo acontecia.

Então, a liberdade é essa maneira viscosa de nos colocar em nossos limites, nas nossas linhas de trajetórias, nos nossos caminhos sombrios e, por vezes, queremos tomar outros, mas, ao fazer isso, estamos distanciando da nossa intimidade, num caminho desviante. O medo nos encurrala em situações as quais nem sempre estamos preparados para estar. Todavia, o que se espera de nós é que muitos escondam suas desorganizações e que parem de se envergonhar. Ser organizado nesse sentido é fazer parte de um campo casuísta, que tenta “conservar um imperativo geral como não mentir e distingui-lo de casos particulares, onde

tal conduta pode ser excepcionalmente preferível” (Sartre, 2005, p. 223).

POR UMA SEXUALIDADE-EM-SITUAÇÃO

Viver uma sexualidade-em-situação, hoje, é estar aberto a essas novas roupagens do mundo político contemporâneo. Levando em consideração as mundaneidades e as escolhas individuais. Por isso, acredito que a não exista uma identidade petrificada da sexualidade, por, justamente, ela estar nesse movimento de abertura para o campo do político e das interações sociais.

A chave para pensarmos uma identidade homossexual está no horizonte do movimento e da abertura, da viscosidade e do giro. Temos hoje um inchaço no que se remete à sexualidade, ou seja, transbordam de significações a partir de representações. No entanto, minha proposta almeja a possibilidade de desnaturalizar as noções prontas sobre a sexualidade, e colocá-la justamente em situação, como relata Merleau-Ponty (2018). Não quero aqui diluir a sexualidade na existência, mas antes mirá-la na fenda da contingência. Ao passo que, estando em situação, somos seres históricos, nos engajamos na sexualidade-em-situação, pois, “tudo aquilo que somos, nós somos sobre a base de uma situação” (Merleau-Ponty, 2018, p. 236).

Por isso, ao puxar a sexualidade como possibilidade em campo das contingências, parto da sexualidade enquanto modo que se expressa por entre os lugares, que se articula e se manifesta em estado relacionante com o ser. Fundindo no ser-sexuado, posso dizer que, em base, todos somos seres-sexuados, porém a sexualidade não nos freará de sermos sexualidade. Dessa forma, Sartre (2007) aponta que a sexualidade só desaparece com a morte,

mas o ser-sexuado pode lhe fazer a escolha de viver cada qual seu modo de manifestação.

Estar em desvios, pode ser a possibilidade de viver a sexualidade em plena contingência, ela sendo o que é. Não posso naturalizá-la e banalizá-la como um rótulo. Viver em sexualidade é, visceralmente, se abrir para as possibilidades de liberdades, normatividades, da expansão da corporeidade em lugares, estranhando e lavrando a existência, ou seja, a ponte é que o ser-sexuado existe sexualmente para o Outro, e Outro como possibilidade de mediação, me manifesta em situação como um ser-sexuado por contingência.

Escolher os caminhos conforme a sua facticidade não deveriam conter tantos pesos e preconceitos. Cada qual remete uma escolha por um feixe de variações que lhe apresentam como caminhos. Fechar os caminhos dos Outros seguindo a lógica de seus caminhos, apresenta como uma hipocrisia e o desejo da captação do Outro para o campo do mesmo. A possibilidade para sair desse embriagamento do eu, desse desejo de racionalização suprema, se manifesta nas escolhas dos caminhos que se dão por entre os desvios.

Seguir uma orientação que seja factível com seus desejos e vontades, mas, também deixando aberta que a possibilidade do regresso não seja banal e sim vivida como expressão de existência em situação, Ahmed (2014) aponta para que o conforto é feito pelo encontro entre mais de um corpo, e que é a dor ou o desconforto que nos devolve a atenção para a superfície. Sendo assim, o desconforto do retorno e a escolha de outro caminho não entra na chave do cancelamento, e sim, na possibilidade de encontro consigo mesmo.

Sara Ahmed (2006), em seu livro "Queer Phenomenology", salienta que a "transformação da orientação sexual em 'uma espécie' envolve a tradução de 'direção' em identidades". Ou seja, "se a

orientação sexual é compreendida como algo que se 'tem', de tal modo se 'é' o que se 'tem', então o que se 'é' é definido em termos do desejo como uma atração que se puxa para os outros" (Ahmed, 2006, p. 69).

Sendo assim, a orientação sexual deve vir direto da verbalidade do ser, indicando, justamente, o movimento que somos-em-situação. Se estivermos pensando nas chaves dos desejos como definitivos da constituição de identidades estaremos recaindo no inchaço da sexualidade, colocando nela muito mais rótulos do que o necessário para estar situada.

A orientação parte dos desvios no momento do cotidiano, das nossas corporeidades em situação viscosa em mundo. Assim como a identidade, não somos estáticos, somos-em-situação, movimentos, e orientados por uma escolha que baliza e convoca a responsabilidade de meus atos e minhas ações. A sexualidade como abertura, como possível desfraldamento das raízes que nos colocam em situação de atolamento, e embriagamento do eu. Assim sendo, digo que sendo um projeto inacabado, pensar a sexualidade-em-situação seria uma das possibilidades de não trazer as definições como algo determinante, e, sim, constituinte de uma existencialidade que emerge justamente das situações em que cada um se situa. Os desvios como possibilidades de encarar cada temporalidade conforme a situacionalidade de cada existente. Deixar em aberto, para fora, movimentado, remexido, assim como às sementes que de diferentes maneiras emergem da terra, cada uma em seu tempo, no seu modo. ○

REFERÊNCIAS

AHMED, Sara. **Queer phenomenology**: orientations, objects, others. Durham: Duke University Press, 2006.

AHMED, Sara. **The Cultural Politics of Emotion**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**: a experiência vivida. Tradução: Sérgio Milliet. 5ª ed. v. 2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019a.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**: fatos e mitos. Tradução: Sérgio Milliet. 5ª ed. V. 1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019b.

BORNHEIM, Gerd. **Sartre**. Ed. Perspectiva. São Paulo, 1971.

BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo**: crítica da violência ética. Trad. Rogério Betoni. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

BUTLER, Judith. **A vida psíquica do poder**: teorias da sujeição. Trad. Rogério Betoni. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismos e subversão da identidade. Trad. Renato Aguiar. 17ª ed. Editora: civilização brasileira. Rio de Janeiro, 2019a.

BUTLER, Judith. **Corpos que pensam**: sobre os limites discursivos do "sexo". In: LOURO, Guacira Lopes. (Orgs) **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. 4ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019b.

DARDEL, Éric. **O Homem e a Terra**: natureza da realidade geográfica. São Paulo: ed. Perspectiva, 2011.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da Sociedade**. Tradução: Maria Hermantina Galvão. São Paulo, Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. São Paulo e Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

GUATARRI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolíticas**: cartografias do desejo. Petrópolis-RJ, Vozes, 1993.

LIMA, Jamille da Silva. Identidade e lugar na metafenomenologia da alteridade Payayá. **GeoTextos**, v. 15, n. 2, 2019.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica Editora Argos, 2018.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2018.

MORRISON, Andrew P. **The culture of shame**. London: Jason Aronson, 1998.

NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. Tradução: Luiz Felipe Guimarães Soares. **Revista Estudos Feministas**, v. 8, n.2, 2000.

NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência**. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo, Companhia das Letras, 2001.

NORBERTO, Marcelo da Silva. Liberdade e política em Sartre: em torno dos escritos sobre escultura. In: NORBERTO, Marcelo da Silva; CASTRO, Fabio Caprio Leite de. **Sartre e Política**. Rio de Janeiro: Via Verita: ED. PUC-Rio, 2019.

NORBERTO, Marcelo da Silva. **O drama da ambiguidade**: a questão da moral em O ser e o nada. São Paulo: Edições Loyola, 2017.

NUNAN, Adriana; JABLONSKI, Bernardo; FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. O preconceito sexual internalizado por homossexuais masculinos. **Interação em Psicologia**, Curitiba, v. 14, n. 2, 2010.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. **Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades**, v. 4, n. 05, 2012.

SALIH, Sara. **Judith Butler e a teoria queer**. Trad. Guacira Lopes Louro. 1 Ed, Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2018.

SARTRE, Jean-Paul. **As mãos sujas**. Tradução de António Coimbra Martins. Livros de bolso Europa-América. 1972.

SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo**. Trad. João Batista Kreuch. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada**: Ensaio de ontologia fenomenológica. Trad. Paulo Perdigão. – Petrópolis, RJ: Vozes. 15 ed. 2007.

Um fundamento existencial para a sexualidade: a situação
Tiago Rodrigues Moreira

SARTRE, Jean-Paul. **Que é Literatura**. Tradução: Carlos Felipe Moisés. Petrópolis, RJ: Vozes 2019.

SARTRE, Jean-Paul. Reflexões sobre a questão judaica. In: **Reflexões sobre racismo**. Trad. J. Guinsburg. 5ª ed. Difusão Europeia do Livro. São Paulo-SP. 1968.

SARTRE, Jean-Paul. Uma ideia fundamental da fenomenologia de Husserl: a intencionalidade. Trad. Ricardo Leon Lopes. **VEREDAS FAVIP**, Caruaru, Vol. 2, n. 01, 2005.

SILVA, Franklin Leopoldo e. **Sartre e o Humanismo**. São Paulo, Almedina. Discurso Editorial, 2019.

SOUZA, Thana Mara de. Um feminismo sartriano? Possibilidades e limites de uma teoria de gênero a partir da ontologia fenomenológica. In: NORBERTO, S. Marcelo, CASTRO, Fabio C. L. **Sartre e a política**. Rio de Janeiro: Via Verita. Ed, PUC-Rio, 2019.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso**: a homossexualidade no Brasil, da colônia a atualidade. 4 ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

Submetido em novembro de 2023.

Aceito em março de 2024.